



<http://dx.doi.org/10.30681/23163933v24i01137158>

JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES: UM DOS PRIMEIROS ESCRITORES SURDOS OU O PRIMEIRO ESCRITOR SURDO NO BRASIL?

JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES: ONE OF THE FIRST DEAF WRITERS OR THE FIRST DEAF WRITER IN BRAZIL?

Diogo Madeira¹

Recebimento do texto: 05/04/2018

Data de aceite: 10/05/2018

RESUMO: O presente ensaio discorrerá sobre um dos escritores surdos no Brasil, registrado em periódicos científicos, no Brasil, Jorge Sérgio Lopes Guimarães. O trabalho terá aportes teóricos e históricos que discutem o nascimento da literatura brasileira durante o período colonial, a historiografia literária brasileira e a surdez no contexto literário da Independência da nossa Pátria e da literatura surda.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira, literatura surda, surdez, Jorge Sérgio Lopes Guimarães, literatura

RESÚMEN: El ensayo discurrirá acerca de dos escritores sordos en Brasil, registrado en periódicos científicos, en Brasil, Jorge Sérgio Lopes Guimarães. El trabajo tendrá aportes teóricos e históricos que discuten el nacimiento de la literatura brasileña durante el período colonial, la historiografía literaria brasileña y la sordera en el contexto literario de la Independencia de nuestra Patria y de la literatura sorda.

PALABRAS-CLAVE: literatura brasileña; literatura sorda; sordera; Jorge Sérgio Lopes Guimarães; literatura.

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Doutorando em Letras



Por que Guimarães é uma polêmica?

Questiona-se frequentemente se Jorge Sérgio L. Guimarães, nascido no Rio de Janeiro na década de 40, foi o primeiro escritor surdo ou um dos primeiros escritores surdos, após ser descoberto em fotografia pouco nítida, impossibilitando melhor visualização, em uma linha do tempo da história dos surdos organizada por alunos de Letras/Libras². Sua aparição como escritor começou pelo jornal *O Globo*, no qual ele publicava suas crônicas, relatando o cotidiano do surdo e as dificuldades que enfrenta nos períodos de 1957 a 1961, ou seja, sessenta anos depois do período colonial, em função das políticas públicas ainda estarem se consolidando. Serão discutidas as atividades de Guimarães no decorrer deste espaço, a partir da relação com as contribuições teóricas e históricas dos autores.

Por que um dos primeiros escritores surdos não o primeiro escritor surdo no Brasil? Como era sua realidade linguística? Quais os recursos que contribuía para que ele se tornasse um escritor? A falta de registros sobre outros escritores surdos antes dele pode confirmar que Guimarães é o primeiro escritor surdo, no Brasil, em termos científicos? Estas dúvidas serão esclarecidas posteriormente por meio dos estudos de documentos mencionados a respeito de antes e depois do período colonial brasileiro, no contexto das literaturas brasileira e surda. Com relação à última, por

² Cujá licenciatura é ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina em duas modalidades, presencial e à distância. Esse trabalho foi elaborado pela primeira turma, de 2006.



enquanto, não se encontra em condições de estar em aberto a críticas e questionamentos por estar ‘verde’³ em termos de publicação.

Os elogios à função de escrevinhador fizeram com que suas crônicas fossem compiladas em um livro. O título do seu livro de crônicas é bem condizente com sua proposta jornalística/literária: *Até onde o surdo vai*. Foi editado pela *Gráfica Tupy Ltda*⁴ e lançado em 1961.

Os excertos de alguns textos do livro serão apresentados se tiver espaço neste ensaio e comentados para retificar o argumento de que Guimarães seria um dos primeiros escritores surdos no Brasil, que é um equívoco. A literatura brasileira havia começado pouco depois do período colonial, há noventa anos, desde o fim do período colonial, passando por mudanças na estética literária nacional. Indaga-se, assim, se existiam escritores surdos no Brasil durante o período colonial, o que será discutido posteriormente.

Em termos de acessibilidade e atendimento às necessidades linguísticas do surdo, a época dele, em meados de 1950, era mais complicada do que a atual. Assim, pergunta-se: Como Guimarães aprendeu a ler e escrever em uma realidade em que a ignorância majoritária sobre a surdez residia? O excerto do prefácio escrito por Pedro Bloch, amigo íntimo de Guimarães, pode ajudar a desvendar esse mistério:

A surdez desenvolve no ser humano certas qualidades de nobreza, de caráter, de maneira de ser que nos enchem de admiração e de respeito. O sentimento que desperta um surdo que fala, que estuda, que progride, não é jamais o da

³ No sentido de falta de maturidade teórica e material.

⁴ Localizado no Rio de Janeiro, porém saiu do movimento administrativo.





compaixão, mas o da admiração. Muitos dos surdos com que eu tenho lidado são verdadeiros líderes de seus colégios. Os outros meninos, em vez de inferiorizá-lo, cultivam sua amizade e se orgulham de seus progressos.

Quero falar-lhes do meu particular e grande amigo Jorge Sérgio. É uma simpatia ambulante, uma inteligência lúcida, um espírito de escol. Quis que eu escrevesse algumas linhas para prefaciá-lo seu livro, em que reúne algumas de suas belas crônicas, de suas ideias límpidas, de seu ideal luminoso. Basta que lhes conte um fato para que fiquem sabendo quem é.

Quando me procurou com seus artigos admiráveis eu observei:

- Jorge, se eu encontrar alguma coisa que eu considere errada, que eu considere imprópria, em seu livro, posso corrigir?

Jorge sorriu e com esse escrúpulo fabuloso, próprio de almas puras e privilegiadas, observou protestando:

- Mas se o senhor for emendar o meu livro... o livro não será mais meu!

Não toquei em nenhuma palavra, em nenhuma linha. Não fiz nenhuma observação.

Só quero deixar aqui consignada a minha admiração por Jorge. Eu não diria que Jorge é um grande homem, apesar de sua surdez. Não. Talvez eu devesse dizer que ele é um homem admirável justamente por ser surdo. Por conservar dentro de sua alma generosa essa beleza, essa pureza, essa grandeza. Todos os que lerem suas crônicas compreenderão o que quero dizer. Vocês verão que ele, feliz como é, jamais se preocupa com seu próprio homem. Reparem como vive o problema dos outros. Esse livro é um livro de bondade, de ternura, de luz, de compreensão.

Jorge, eu tenho um orgulho imenso de me considerar seu amigo. Como é que você sem ouvir consegue ouvir tanta coisa?

(BLOCH, 1961, p.9)





O aprender a ler e escrever dele esse tempo todo se deu por meio de exercícios repetitivos. Os professores e amigos liam seus escritos e faziam apontamentos para que percebesse tais erros e melhorasse os aspectos gramaticais da Língua Portuguesa. No entanto, o método de correção de textos, para a atual comunidade surda, considerado como uma tortura linguística, porque Guimarães seria supostamente um deficiente auditivo⁵. Surge aí a questão: como corrigir dessa forma o surdo que tem a Libras como sua primeira língua? É importante refletir de que modo, conforme o nível linguístico de cada surdo, deve-se corrigi-lo, visto que há métodos de ensino de língua portuguesa para surdos.

Há uma razão que não pode ser contestada, que conta com fundamentos nas concepções de surdo no contexto da linguística. Segundo esta razão, surdos são sujeitos linguísticos, cuja colocação explícita que cada um possui suas particularidades linguísticas, diferentes das de outro.

Para se ter uma ideia, Guimarães, em sua época como escritor, era diferente dos surdos na questão da língua, pois a sua família tinha muitos recursos para que pudessem lhe educar de forma eficiente. O autor possuía professores particulares e fazia sessões de fonoaudiologia, enquanto os surdos de sua época não tinham essas condições ou não se sentiam, naturalmente, parte da língua de sinais. Portanto, ele é uma exceção, não cabe analisar com profundidade suas competências linguísticas, por ser

⁵ De acordo com os Estudos Surdos, deficiente auditivo é o termo que designa sujeito que ouve parcialmente ou que fica surdo tardiamente ou que não assume a condição de surdo, dependendo da situação.



entendido como um caso isolado, mas é relevante destacar o contexto em que estava inserido.

O panorama da educação de surdos no início do século XX

Para se entender melhor o porquê de Guimarães ser um caso isolado bem como sobre o funcionamento da educação de surdos, serão apresentadas as concepções cognitivo-linguísticas relativas à surdez do final do século XX e da primeira década do XXI, no contexto educacional. A tomada de informações a respeito da educação de surdos, neste texto, será menos intensa para não comprometer seu tom, sobretudo no que tange às discussões sobre as representações literárias de Guimarães, mesmo que os encaminhamentos informativos acerca das práticas pedagógicas ao surdo ao longo do século XX sejam relevantes. Muller (2012), de forma narrativa, comenta em sua dissertação de mestrado *Marcadores Culturais na Literatura Surda: Constituição de significados em produções editoriais surdas* que a sua irmã, que é surda, não teve autonomia linguística na juventude e que sempre recorria à sua ajuda para fazer os exercícios da Língua Portuguesa:

(...) por se entender a surdez a partir de uma concepção clínico-terapêutica, o uso do aparelho auditivo, as consultas à fonoaudióloga e o empenho dos professores (da classe regular e especial) pouco contribuíram para o seu processo de aprendizagem do português escrito. Ela também fora considerada muito revoltada, pois se entendia que não queria falar e que, por isso, a comunicação pouco acontecia. De fato, a comunicação não acontecia porque a língua de sinais não era reconhecida na década de oitenta, assim como raramente era





utilizada nas relações familiares e nas práticas escolares daquela época. (2012, p.22)

O comentário da autora a respeito da sua relação com a irmã surda explicita que, antes de a Libras ser reconhecida como a segunda língua oficial no Brasil, muitos surdos vinham sofrendo as medidas ‘inadequadas’ aplicadas por profissionais na área da surdez. Ela ainda diz que, não apenas a sua irmã, mas muitos surdos se evadiram ou tinham sido reprovados pela normalização como política educacional hegemônica. Muller (2012) apresenta dois teóricos que criticam as estratégias de normalização, com base nas teorias do oralismo e suas contribuições reflexivas, por meio da tomada de pesquisas e discussões entre os professores que trabalham com a educação de surdos. Como uma forma de desconstrução dessa política educacional, que molesta a linguística do surdo. Skliar (1998), por sua vez, condena essa proposta, pois foi considerada, por muitos, como propósito de normalizar surdos. O autor defende que os direitos linguísticos do surdo devem ser atendidos enquanto se definem teorias de aprendizagem para atendê-lo de forma adequada, tendo fundamento nos estudos voltados para a pedagogia da diferença.

As práticas pedagógicas realizadas com surdos, do começo do século XX ao fim, são avaliadas como dissolução dos seus direitos linguísticos por terem sido fundamentadas nos mecanismos de normalização. Por incrível que pareça, se fala tão pouco a respeito dessas práticas, porque os resultados não foram muito bons. Sánchez (1990) ressalta que, o autor venezuelano do livro revolucionário e uma das referências da educação de surdos, *La increíble y triste história de la*





Sordera, a medicalização afeta o desenvolvimento das linguagens oral e escrita das crianças surdas, em detrimento do uso da língua de sinais. Isso acaba culminando em uma calamidade, tanto social quanto linguística, por não terem atendido às necessidades das crianças surdas, cuja pedagogia, construída com os métodos conservadores, que tratam da inserção dos aspectos de ouvinte no surdo, fracassa. Os pontos de vista desses autores sobre essa pedagogia são idênticos por terem encontrado muitos equívocos pedagógicos na mesma época em que os direitos linguísticos do surdo são lesados por ‘profissionais da fala’, o que acarreta na formação de uma pedagogia diferente para com surdos.

A obra de Sánchez, mesmo como uma bibliografia relevante para a educação de surdos, é destacada por Fernandes (2011), em seu artigo que explora os detalhes do livro do médico Sánchez, em forma de resenha:

Embora se trate de um clássico na área de educação de surdos, foram poucos os privilegiados, no Brasil, que puderam ter acesso à consistente análise histórica e denúncia vigorosa oportunizada por Sánchez, já que a publicação nunca foi traduzida para o português. O livro guarda a simbologia de uma obra clandestina que, pela implacável denúncia que promoveu, foi relegada a um semianonimato. (2011, p.264)

É verídica a afirmação de Fernandes (2011) sobre as dificuldades de acesso à obra do autor, por não ter sido traduzida para o português, desde então, devido ao fato de ser de extrema complexidade em termos linguísticos e conceituais, o que inviabilizaria a ideia de traduzi-la para a nossa língua pátria. Apesar dessa restrição, no entanto, partindo de seus argumentos feroces em ruptura com as ideias catedráticas do ouvintismo



humilhando os surdos, Sánchez, médico e, posteriormente militante da educação de surdos, com práticas diferentes às necessidades linguísticas do surdo, atravessou as fronteiras e construiu um diálogo com os profissionais de outros países latinos, como Chile, Uruguai e Colômbia. O objetivo era promover-los para a reforma de um novo sistema educacional, sem os discursos de correção da anormalidade do surdo – e com a oralização que passa a ser como uma opção. A revolução de Sánchez pode ser entendida como uma história da literatura, no sentido de fonte de informações políticas, por ser um “padrão lógico de antítese” (PERKINS, 1993, p.55), ao menos na sua época, em que muitos surdos estavam submetidos à ditadura ouvintista, graças ao Congresso de Milão, ocorrido em 1880⁶. Em Perkins (1993), a ideia de que padrão lógico de antítese é uma metáfora da testemunha, a partir de narrações com uma estética particular na base do ponto de vista da causa, a exemplo de Sánchez, também traça sua presença em diversas obras que tratam das atrocidades ouvintistas às comunidades surdas.

O passado das ilhas surdas⁷, consolidando seu próprio repertório de características e estilísticas, é uma história da literatura na perspectiva da

⁶ No Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, a pedagogia da oralização para surdos na base das práticas médicas foi eleita pela maioria como método de ensino universal para surdos, e a Língua de Sinais, para os sujeitos ouvintistas, reconhecida como praticidade prejudicial ao aprendizado da fala e estava proibida por cinquenta anos.

⁷ A expressão “ilhas surdas” criada por mim, com base no meu conhecimento sobre a situação dos surdos dos séculos anteriores através das pesquisas realizadas em muitas bibliografias que tratam da história dos surdos, indica os surdos em separado sem firmamentos linguísticos e políticos, ao contrário da comunidade surda que é constituída na organização social, política, cultural, histórica e linguística, assim como outras minorias.



educação de surdos. Ainda sobre a importância da história da literatura, Benjamin (2008), de acordo com o seu conceito de história, discorre sobre a ideia de que o passado a ficar nítido para estudá-lo com precisão ocorre somente se tiver materialismo histórico, o que se chama, de modo geral, fonte, seja fotografia ou texto. Atualmente, para a comunidade surda, Sánchez como bibliografia é um materialismo histórico muito rico por ter desconstruído freneticamente o reino da medicalização sobre os surdos.

Dando o tom severo entre linhas, essa medicalização - já formou escritores surdos por ter lhes instruído a aprender a falar. Para muitos, ela é conservadora e diferente da atual que está cada vez mais tolerante e menos fechada devido ao surgimento de alternativas comunicativas e linguísticas contando com o avanço da tecnologia. Seria, então, incoerente se confirmar ou negar esse fato, visto que não há registros dessa relação ou documentação muito complexa em termos numéricos que travaria o acesso por questões éticas e jurídicas.

Existe outro escritor surdo antes dele no Brasil? E no período colonial?

A questão intrigante, mais uma vez, a ser tratada: existe outro escritor surdo antes dele no Brasil? E no período colonial? Esta questão se deve ao fato de a Literatura Surda ter aparecido, pela primeira vez no Brasil, a partir de 2002. No entanto, conforme os registros acadêmicos a respeito da referida literatura, por meio de artigos, visíveis tanto para o público ouvinte quanto para o surdo as produções literárias plenamente na língua de



sinais, por surdos usuários da Libras. Primeiro contextualiza-se alguns escritores que viviam no período colonial e no começo do século XX para entender melhor as ações literárias exercidas por eles de forma breve para não perder o foco central deste ensaio, com base em ambientações geográficas e referências linguísticas e líricas do Brasil. Durante os séculos XVI e XVII, a literatura no Brasil vinha sendo produzida em caráter informativo sobre as maravilhas da terra e do povo a ponto de serem encaminhadas por escritores chegados de Portugal (mais tarde radicados no país colonizado) suas obras a esse país. Segue a descrição de Moisés sobre as primeiras raízes literárias no Brasil:

A chamada atividade literária das primeiras décadas de nossa formação histórica caracterizou-se por seu cunho pragmático estrito, seja a circunscrita ao parâmetro jesuítico, seja a decorrente de viagens de reconhecimento e informação da terra. No primeiro caso, constituía-se em instrumental de catequese do gentio e de educação do colono, conforme normas pedagógicas de padrão escolástico. No segundo caso, tratava-se de simples reportagens ou de registros de viagens com o fito de melhor conhecer a terra, e, dando-a a conhecer aos superiores em Lisboa, possibilitar-lhe a exploração e, com isso, colaborar na empreitada expansionista da Metrópole. (1997, p.19-20)

As primeiras décadas, desde a chegada dos portugueses ao Brasil, foram de exploração e informação da terra a ponto de, obviamente, tomar essa terra em caráter possessivo. O país descoberto, ao menos no sentido de identidade e civilização, acabou virando uma espécie de Portugal com a exterminação comportamental dos indígenas, sob a ordem do Rei de Portugal, após ter desvendado que os jesuítas estavam protegendo os





nativos, desobedecendo às exigências do próprio Rei. Entre os nativos, havia surdos, porém invisíveis em razão da ineficiente comunicação – mímicas e outras linguagens, nenhum idioma compreensível – entre os portugueses e eles, o que não se permitia fazer análises cuidadosas. Portanto, os indígenas tinham a comunicação como obstáculo para os portugueses, eram incapazes de se identificar surdos, mudos ou ouvintes. Já que existe surdo em todos os tempos, a tal condição, em termos médicos, não se considera uma doença, tampouco vírus, apenas falha neurológica ou

Nesta pesquisa, foram selecionados três escritores a serem descritos de forma concisa para se entender melhor o panorama da Literatura Brasileira, iniciado pelos escritores quinhentistas e seiscentistas além de Caminha: José de Anchieta (1534 – 1597), Manuel Botelho de Oliveira (1636 – 1711) e Gregório de Matos (1636 – 1696). O objetivo desses anos distintos é, de forma abreviada, buscar compreender a existência de escritores surdos antes de Guimarães e a razão da possibilidade de ser o primeiro escritor surdo por meio das linhas históricas do nascimento da literatura brasileira e em seguida da visibilidade da literatura surda. Durante esses séculos no Brasil, existem muitos preconceitos com os nativos, que não têm o padrão físico, comportamental e intelectual dos eurocêntricos.

No final do século XIX, vê-se o purismo, em ascensão desde que o Brasil se tornou independente. Tem-se, ainda, Machado de Assis não poder filhos por causa da família nobre da sua mulher por ser mulato, e outro escritor brasileiro relevante, Lima Barreto, sofre muitas maldades por ser negro e tentar fingir ser igual aos brancos. Nesse sentido, a medicalização



ouvintista que tentava normalizar os surdos não concentra as afirmações de que surdo poderia viver como qualquer pessoa, ter filho e fazer viagens de forma autônoma, ou seja, atém-se ao discurso do fascismo, cuja razão de que se acredita no purismo.

Dessa forma, as histórias dos oprimidos têm como tarefa contemporizar e humanizar pessoas envolvidas nos estudos históricos para que não se repitam os episódios em que eles tinham vivido. A construção de um conceito de história para desvendar e decifrar os efeitos dos episódios fascistas é essencial, pois “fortalece a posição da resistência contra o fascismo” (BENJAMIN, 2008, p.226). História é sinônimo de oposição a políticas homogêneas, já que ela não é construção de um objeto, mas objeto de uma construção, um “lugar saturado de agora” (BENJAMIN, 2008, p.229).

José de Anchieta, como se sabe, é o representante do início da literatura brasileira desde que chegou ao Brasil com os tripulantes portugueses. Apesar de ter sido não-brasileiro, as preocupações que ele tinha eram voltadas para a elaboração de uma gramática e os estudos sobre os mistérios do país colonizado para poder catequizar os índios, enquanto fazia questão de aprender sua língua. Afrânio Coutinho (2008) em *Conceito de Literatura Brasileira* lembra que o início da literatura brasileira ainda era uma parte da portuguesa:

“Todavia, do lado português, a literatura da época colonial era considerada como um trecho da literatura portuguesa produzida na colônia brasileira. Carecia de individualidade própria, já que lhes escapava aos portugueses a substância da revolução que se viera operando na mesma colônia, na mente



dos homens que para aqui se transferiram ou aqui nasceram. Revolução tão importante que, desde o primeiro momento, havia transformado a mentalidade dos habitantes, através de mudança da sensibilidade, das motivações, interesses, reações, maneiras de ser e agir novas, tudo provocado pela nova situação histórica e geográfica. (2008, p.14)

Enquanto “portuguizavam” o Brasil, construindo a civilização do jeito dos portugueses, a sua literatura passou a ter uma ponte com bases em territórios geográficos e sociais do Brasil e contando com poetas chegados de Portugal. Anchieta, além de ter desempenhado a função de padre, escreveu poesias a partir de suas percepções sobre o Brasil e o comportamento dos nativos. Em um estudo realizado sobre as línguas indígenas, Claudio Leal Domingos (2015) entende que o uso da língua portuguesa no lugar das línguas indígenas deve-se à falta do sistema de escrita que os colonizadores não conseguiam concretizar incorporando as línguas dos nativos. A literatura brasileira durante o século XVI – a colonização realmente começou em 1537 – é processada com escritos, negritando a paisagem e o espírito a ponto de serem encaminhados ao Rei D. Manuel de Portugal quando foi reconhecida a carta de Pero Vaz de Caminha como o primeiro documento no Brasil. Nesse sentido, o caráter da literatura brasileira em seu primeiro século como a colônia de Portugal é informativo, apesar de licenças poéticas em escritos produzidos por primeiros escritores viajantes. Segue-se o trecho da carta de Vaz, descrevendo os índios à primeira vista quando os portugueses chegaram ao Brasil:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas;





e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura de um fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não nos molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. (CAMINHA, 1500)

O trecho de Caminha, extraído do primeiro documento no Brasil, cujo estilo de texto é informativo foi descrito para que o Rei de Portugal pudesse acompanhar as informações exatas à distância. Voltando ao tópico que havia começado, Anchieta chegou tardiamente ao Brasil com a tarefa de catequizar os índios.

Durante a sua estada no Brasil colonial, como estava ciente das dificuldades de comunicação com os índios, decide criar uma gramática de forma didática para que haja uma comunicação eficaz entre portugueses e indígenas, além da sua necessidade de catequizar com a utilização de leituras jesuíticas na língua geral – a mistura do português com o tupi. A literatura jesuítica, em atividade no Brasil colonial desde que os primeiros jesuítas, incluindo Anchieta, chegaram em 1549, confirmando a primeira manifestação da literatura brasileira. Seus poemas foram realizados graças às suas caminhadas pelas areias, destacando a paisagem e o espírito a partir da sua subjetividade como padre e pessoa.

Para se imprimir os primeiros registros acerca das belezas do Brasil, preocupados em se comunicar com os indígenas e compreender melhor a terra descoberta, os jesuítas tornam uma língua geral, misturando o Tupi com a Língua Portuguesa de forma simplificada e didática, o que garante a preservação dos idiomas indígenas, porém sem encaminhamentos



a respeito disso ao Rei de Portugal. Os poemas de Anchieta se fazem primeiros traços de uma nova literatura brasileira, com base em exploração das belezas incomparáveis às da Europa no sentido de paisagem, mesmo sujeito a mudanças com o passar do tempo. Na época, talvez os surdos indígenas teriam sido catequizados, despercebidos por Anchieta e seus ajudantes.

Manuel Botelho de Oliveira, sujeito notório por ter produzido seus poemas em quatro línguas – a público somente em 1705 – com traços do barroco e analogia-chaves, segue o exemplo: o poeta fala da “formosura da amada, a analogia-chave com o sol abre-se em leque: e o sol voltará como esfera, luz, chama e sombra (Sol e Anarda)” (BOSI, 2017, p.41). É baiano e um dos primeiros poetas brasileiros assim como Gregório de Matos, seu amigo inseparável. No século XVII, o Barroco europeu chega ao Brasil e Oliveira é um dos primeiros a usar a estética barroca para seus poemas. Fazer jogos análogos é a principal característica de Oliveira. Gregório de Matos, diferente de Oliveira, no entanto, é visto como o pior poeta seiscentista por ter produzido seus poemas partindo do seu estilo satírico. As obras do autor são reconhecidas somente no final do século XVIII, quando os escritores brasileiros, desde o XVII, começam a apresentar certas distinções literárias, mais distantes do início do século XVI, pela influência americana.

Coutinho assinala que o tratamento que o Barroco recebe no Brasil não é o mesmo em Portugal:

É curioso o fato de que em Portugal não encontrou o Barroco um clima favorável e não se traduziu em expressões de alto





valor literário. O peso do quinhentismo e o prestígio do Renascimento lá não deram azo à expansão da mentalidade barroca. Mas há outro motivo, este político e social. O barroco foi um fenômeno espanhol que os portugueses não viam com bons olhos porque importação cultural que se somava à dominação política, tudo contra o que reagiu a consciência nacional portuguesa. Daí toda aquela terminologia pejorativa aplicada à teoria barroca – gongorismo, cultismo, e mais a condenação do barroco como arte do exagero verbal e da obscuridade procurada. (2008, p.54)

O Barroco no Brasil é o neoquinhentismo, pois já havia traços desse estilo estético em muitos textos quinhentistas, porém despercebidos em razão de poucos escritores na época e os documentos a respeito enviados a Portugal se perdiam na navegação muitas vezes pelas tempestades ou erros de curso marítimo para expandir a formação da literatura brasileira. Ao longo do século XVII, a literatura portuguesa começa a mostrar os efeitos da decadência pela falta de inovações literárias, enquanto muitos portugueses embarcam ao Brasil para fixar residência ou explorar as paisagens exóticas. A ‘civilização lusa’, situada pelos litorais que dão a Portugal, em termos de orientação oceânica desde o descobrimento do Brasil, não para de crescer, com muitas famílias vindas do país colonizador. O registro de literaturas ou de textos literários no caráter histórico-político é definido a partir de critérios de cada historiador ou pesquisador, que exerce a função de explorar raízes literárias e líricas movidas por influências de política, cultura, natureza e civilização. David Perkins, em seu ensaio autêntico *História da Literatura e Narração* (1993, p.49) sugere que “detalhes inseridos em textos literários envolvendo os aspectos citados sejam considerados a fim de se encaminhar os enigmas do passado ao conhecimento da atual geração e de futuras.”





Além de que muitos que tinham nascido no Brasil foram estudar na universidade em Portugal quase adultos, seu retorno de onde haviam saído por ordem de suas famílias nobres lhes oferece cargos significativos como advocacia e tesouraria a fim de enriquecer a civilização na base da cultura lusa e europeia. Em nenhum momento, português ou brasileiro, até o XVII surge escritor surdo ou, minimamente, surdo aspirante a escritor devido à falta de registros. Entre as famílias nobres vindo de Portugal, não se sabe se há parentes surdos. Desde o período colonial até a metade do século XX, de acordo com as fontes históricas diretamente do INES⁸, os surdos teriam se encontrado afastados da sociedade e trancados em suas casas, como forma de proteção, como equívoco social, por questões de comunicação e educação intelectual, como obstáculos, mesmo contando com a primeira escola de surdos criada por Dom Pedro II após o Brasil ter se tornado independente em estado político e nacional – supostamente teria parente surdo em sua família, visto que foi ele quem deu a ideia de criar uma escola para surdos - no final do século XIX, porém na perspectiva do asilismo. Segue o trecho do Decreto a respeito do ingresso de surdos pobres ao INES:

(...) admitidos gratuitamente até 16 alunos, quando forem reconhecidamente pobres, sendo preferidos os órfãos, os filhos dos militares do exército e da armada, e os dos empregados públicos que tiverem prestado serviços importantes ao Estado, tomada em consideração, em igualdade de circunstâncias, a sua antiguidade (BRASIL. Decreto n. 4.046 de 1867).

⁸ Instituto Nacional de Educação de Surdos, fundado em dia 26 de setembro de 1857.



O conceito educativo do INES, no período imperial, era diferente do atual, que passou a ser a referência da educação de surdos. Sobre o Decreto mencionado, por ser asilo, o ensino precário, nenhum escritor surdo. A política educacional do INES, nessa condição, era ‘ensinar as boas maneiras aos surdos através da linguagem de gestos’. A historiografia literária do Brasil, na condição de identidade, como brasileira, começou em 7 de setembro de 1822, “concomitantemente à implantação do Romantismo” (NUNES, 1998, p.206).

Essa historiografia, portanto, é uma existência de direito, sem restrições para produções literárias diretamente por nativos, mesmo que o processo de transformação nacional tenha levado um tempo considerável até não ter nenhum traço eurocêntrico em textos literários devido à consolidação das ideias da Literatura Portuguesa enraizada com cunho político e social.

No século XX, em relação a Guimarães, na década de 50, ele nunca estudou no INES, apenas nas melhores escolares particulares. A sua educação foi bancada com muitos professores particulares por seus pais para aprender a ler e escrever além de treinar a fala.

Concluindo...

Nesses séculos, a nossa literatura estava em ascensão, apesar de ter sido construída por portugueses como uma ‘ponte de energia’ para reinventar a Literatura Portuguesa, conforme as outras historiografias





estudadas a respeito da Literatura Brasileira no período colonial ao nacional.

No século XX, em relação a Guimarães, na década de 50, ele nunca estudou no INES, apenas nas melhores escolares particulares. A sua educação foi bancada por muitos professores particulares, por seus pais para aprender a ler e escrever, além de treinar a fala. Considerando seus registros da representação literária, depois de muitos estudos históricos relacionados à literatura brasileira e educação de surdos, embora entendido como um caso isolado por ter sido bem sucedido na educação oralista, considerou-se o primeiro escritor surdo no Brasil, na era do Getúlio Vargas.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 4.046, de 19 de dezembro de 1867. Aprova o Regulamento Provisório do Instituto dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Coleção de Leis do Império do Brasil - 19/12/1867, p. 452, Vol. 1 parte II.

Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824->



1899/decreto-4046-19-dezembro-1867-554346-publicacaooriginal-72928-pe.html

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2.

FERNANDES, Sueli. **SÁNCHEZ, Carlos. La increíble y triste historia de la sordera**. Merida, Venezuela: CEPROSORD, 1990. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 263-276, jul./set. 2011. Editora UFPR.

GUIMARÃES, Jorge Sérgio L. **Até onde vai o surdo**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Tupy Ltda, 1961.

ROCHA, Solange. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil. Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação dos Surdos em seu percurso de 150 anos**. In: Instituto nacional de Educação dos Surdos VOL. 01, (DEZ/ 2007). Rio de Janeiro: INES, 2007.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1997 (volume 1).

MÜLLER, Janete. **Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas**. 2012

NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo-SP: Ática, 1998.



PERKINS, David. História da literatura e narração. Porto Alegre-RS: Série Traduções dos Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, 1993.

SÁNCHEZ, C. **La increíble y triste historia de la sordera**. Merida, Venezuela: CEPROSORD, 1990.

SKLIAR, Carlos Bernarndo (Org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre-RS: Mediação, 1998.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros, 74).

Este texto é de total responsabilidade de seus autores.